

FOME DE SIGNIFICADO
Apontamentos da Jornada de Fim de Ano da *Gioventù Studentesca*
com Julián Carrón e Francesco Barberis

Por videoconferência,
2 de junho de 2021

Tradução de Cláudio Cruz

© 2021 Fraternidade de Comunhão e Libertação para o texto de Julián Carrón

Apontamentos da Jornada de Fim de Ano
dos Liceus
com Julián Carrón e Francesco Barberis
Por videoconferência, 2 de junho de 2021

Cantos: *Martino e l'imperatore* (Claudio Chieffo)
Vieroju – Credo (coro)

Francesco Barberis. Bom dia a todos! Estamos aqui em Milão com o padre Carrón, a quem agradeço por muitas coisas, em particular uma que vou dizer daqui a pouco. Junto comigo e com o padre Julián estão outros amigos para esta assembleia no âmbito da Jornada de Fim de Ano os Liceus, intitulada “Apesar de tudo, temos fome de um significado na vida”. Estão ligados mais duzentos grupos, com mais de três mil participantes, e chegaram mais de cem contributos vossos, jovens, para este dia. Eu li-os todos – estou orgulhoso! – e agradeço um a um pelo que escreveram e testemunharam.

A verificação deste tempo é ver se crescemos, se as dificuldades foram ou não um obstáculo para o crescimento do olhar e da razão, como escreve uma de vocês: «Entre os ritmos aparentemente monótonos da vida, que às vezes me tornam árida no dia a dia, aconteceu uma coisa que me marcou, como se me tivesse atraído para si: o meu coração não conseguiu resistir diante do pequeno pavio que se acendeu dentro de mim». Outra amiga observa: «Comecei a olhar para mim, mas não para me comparar com os outros ou para chamar a atenção. Comecei, de forma concreta, a descobrir-me e a descobrir perguntas que tenho no coração já há algum tempo». Outro ainda, depois de ter ouvido no Tríduo Pascal o testemunho do nosso amigo Alfonso Calavia, escreve que quer «viver o cristianismo como uma experiência amorosa». E, por fim, diz uma amiga: «Tenho a certeza de que cada ação e cada situação, até a mais terrível, tem dentro de si algum bem. Sem estes meses, provavelmente eu não me teria dado conta da beleza das pequenas coisas».

Uma das afirmações de *don* Giussani que mais nos marcaram, ao ouvir as lições do padre Andrea no Tríduo, foi esta: «A solução dos problemas que a vida coloca todos os dias “não vem diretamente de enfrentar os problemas, mas de aprofundar a natureza do sujeito que os enfrenta”» (L. Giussani apud A. Savorana, *Luigi Giussani. A sua vida*, Coimbra: Tenacitas, 2017, p. 504). Certas afirmações entram-nos na alma, desafiam-nos, quando as surpreendemos na vida quotidiana. E é por isso, Julián, que quero agradecer-te de modo particular, porque a companhia que tu me fazes, nos fazes, é a este nível. Eu, que sou um pobre coitado, a cada momento posso retomar a vida com aquela humanidade e aquela razoabilidade que tu me testemunhas constantemente. Assim, cada circunstância se torna uma ocasião para dar um passo, para descobrir algo de mim, e não só para mim, mas também para o mundo todo, para todas as pessoas que encontramos.

Intervenção. *Aquilo que aprendi nestes meses, especialmente depois dos três dias do Tríduo, foi que a vida é uma batalha não contra a Covid e o ensino à distância, que são circunstâncias, mas contra o nada. Com “o nada” quero dizer aquilo que me provoca uma sensação de vazio. É aquela sensação má e triste que eu tinha constantemente no auge da pandemia e que me fazia sentir mal. Depois do Tríduo, já não queria viver aquele nada, agora já não quero viver aquele nada. Como dizia o Alfonso Calavia no seu testemunho: «A necessidade luta contra o nada». Na realidade, demorei algum tempo a perceber esta frase. Se percebi bem, significa que somos nós, com as nossas exigências e os nossos desejos, que temos de reagir ao nada e contra-atacar: não basta viver a vida de maneira passiva, não basta contentarmo-nos, não basta fingir que tudo está bem! Eu quero ir para a cama feliz, quero viver cada dia com o coração cheio. Nós fomos feitos para sermos felizes e, como descobri no Tríduo, para sermos felizes precisamos de comparar o que temos à nossa frente com as exigências do nosso*

coração. Eu tenho de me perguntar se uma coisa me convém ou não, tenho de perceber o que meu coração quer, o que procura, que necessidade tem. Nestes dias, tenho vindo a descobrir que aquilo que o meu coração quer é uma presença. Descobri isso graças aos encontros com os meus amigos. O que tenho tentado fazer nestes dias, então, é descobrir em cada pessoa aquela presença que o meu coração tanto deseja.

Intervenção. *Há algumas semanas, no nosso grupinho, lemos a segunda ficha do Tríduo, a que, entre outras coisas, falava de Judas. A ficha dizia que ele, que até convivia com Jesus e tinha os olhos repletos de factos excepcionais, estava sempre num estado de «à espera de», parecia-lhe que nunca chegava a um ponto resolutivo que derrotasse definitivamente os seus limites e os seus problemas. A mim, parece-me que estou na mesma situação do que ele: embora também tenha os olhos repletos de factos excepcionais – verdadeiramente excepcionais! –, que parecem indicar um caminho certíssimo diante de todas as perguntas que surgem, a tristeza permanece e, aliás, em alguns casos, parece ser muito maior e mais profunda. Por isso queria perguntar: a tristeza que, pelo menos daquilo que me parece descobrir, permanece, pode não ser uma objeção ao que encontrei?*

Julián Carrón. Olá a todos! Fico sempre contente por vos ver, porque com a vossa franqueza, sendo leais com vocês mesmos, põem sempre em cima da mesa as urgências que sentem enquanto jovens. Estes meses têm sido verdadeiramente, para todos nós, e por isso também para vocês, uma provocação única, talvez a maior que já enfrentámos na vida. Agora parece que tudo está a passar, mas todos nos lembramos que não foi imediato – enquanto o estávamos a atravessar – perceber o significado do que estava a acontecer. Portanto, a questão é se esta circunstância, com a sensação de vazio que às vezes a fez sentir, permitiu que a nossa amiga que falou primeiro descobrisse alguma coisa. O ponto é se esta provocação do real nos fez descobrir alguma coisa, se o vazio que temos em nós ou – como disse quem acabou de falar – a tristeza que percebemos nos faz descobrir algo de nós. Cada provocação da realidade representa uma ocasião para aprofundarmos cada vez mais aquilo que somos. Muitas vezes pensamos que temos de aprendê-lo não sei onde, ou através de qualquer estranho percurso. Não, amigos, nós só podemos descobrir quem somos vivendo. Terias podido imaginar que tens um coração tão grande a ponto de experimentar aquele vazio, mesmo tendo lido sobre personagens ou poetas que falaram dele? Só quando fazemos experiência deste coração é que nos damos conta da imensidão, do abismo daquele vazio e daquela tristeza. Impressiona-nos reconhecer que são incomensuráveis. E o que é que isso diz de nós? Ilustra o quanto somos grandes e que não podemos contentar-nos com uma coisa qualquer.

Mas uma pessoa podia pensar: «Apercebermo-nos desta sensação de vazio, desta tristeza ou desta desproporção é um contra!» Eu não concordo: imaginem se Aquele que nos faz, tal como criou tantos pássaros, não poderia ter criado outros seres que se contentassem com o que são ou outros astros que pudessem girar perfeitamente sem sentirem nenhuma falta, ou outros peixes e cães! Mas ele quis criar seres que pudessem participar de uma plenitude que os cães não podem sequer sonhar. Apercebermo-nos de toda a vibração do humano é o sinal – dizia um génio como Leopardi – da nossa grandeza; se uma pessoa for leal com a sua experiência, não pode deixar de o reconhecer. Ao cão não falta nada, mas pergunto-vos: «Quando te apaixonas, gostas de sentir falta dela ou dele? Ou preferias ser uma pedra, pois assim não sentirias a sua falta?» As pedras não sentem falta de nada, mas tampouco aproveitam nada! Ainda bem que às vezes as coisas não correm como nós pensamos, porque a vida seria plana, ficaria reduzida a uma coisa que se tem de suportar!

Agora, pelo menos, começamos a entrever que tudo o que a vida faz vir ao de cima em nós – a sensação de vazio, a tristeza – revela como é grande o nosso coração, como somos feitos para uma plenitude que está para lá de qualquer imaginação.

Isto, antes de mais, oferece-nos a possibilidade de não renunciarmos à grandeza do nosso coração, porque fomos feitos para uma coisa grande, para uma plenitude cada vez mais impressionante; em segundo lugar, impede-nos de nos deixarmos enganar por quem quer que seja, de nos contentarmos pensando que qualquer coisa serve. O Mistério atirou-nos para a confusão da vida com um detetor

para identificarmos, como disse a nossa amiga, pessoas nas quais podemos ver esta grandeza vivida. Encontrar pessoas assim deixa-nos certos de que aquilo que nós esperamos existe, e de que o vazio que às vezes sentimos e a tristeza que experimentamos são, como diz São Tomás, «desejo de um bem [ainda] ausente», mas real. Por isso a tua tristeza, amigo, não é uma objeção; pelo contrário, é o que nos impede de nos contentarmos.

Espanta-me que esta nossa natureza, apesar de tudo o que inventamos, de todas as nossas tentativas de fugir, de todas as tentativas de escondê-la e de nos distrair, não desiste de nós; e, de dentro de nós, impele-nos a procurar aquilo para o que somos feitos. A aventura da vida está nesta procura. Qual é, então, a coisa decisiva? Para podermos identificar as presenças de que ela falou, é preciso atenção. Quanto mais a vida nos desafia e provoca, mais fácil é identificar as pessoas que vibram com a plenitude que desejamos também para nós. O detetor para as reconhecer está dentro de nós: aquela tristeza é o sinal do desejo de um bem que ainda temos de encontrar.

Por isso, só quem estiver disponível para participar na aventura da vida poderá descobrir, segundo um desígnio que desconhece, pessoas nas quais vê acontecer aquilo que deseja.

Barberis. Apercebi-me que, como tu dizias agora, a nossa natureza não desiste. Lendo os contributos dos jovens, vi que muitos deles seguiram um pouco a sua natureza sem se assustarem, e ao fazerem isso, deram-se conta de que cresceram, que se tornaram mais conscientes.

Intervenção. *Quantas vezes não acontece estarmos bem e no auge do que pode ser definido como a «normalidade», mas apesar disso sentirmos uma falta? Mas o que é esta falta? A que se deve? Como se pode colmatar? Muitas vezes, dei por mim a fazer estas perguntas, a perguntar-me por que não estou realmente satisfeito, por que estou submerso em medos e inseguranças. Quando estava bem, bastava pouco para mudar o meu humor: um simples imprevisto, ou uma questão deixada em aberto que me roía como caruncho. O que me ajudou a reencontrar-me, a compreender-me e a posicionar-me com mais consciência perante as dificuldades foi o diálogo; encontrar pessoas com uma humanidade infinita que se faziam as mesmas perguntas do que eu ou já tinham encontrado respostas, isso levou-me a abrir-me, a pôr-me em campo, a partilhar-me a mim mesmo como elas se partilhavam a si mesmas. Por tudo isto, não posso senão agradecer ao grupo dos Liceus que conheci este ano, e que foi o primeiro ponto de referência e de recomeço para aprofundar a minha humanidade. Isso não teria sido possível se não fosse a minha professora, que num dia monótono como muitos outros me propôs participar num encontro. Foi suficiente aquela hora com o grupo para perceber que não poderia encontrar em nenhum outro lugar uma correspondência maior e que não poderia mais passar sem aquela fantástica companhia. E se se pode definir como «casa» um lugar aonde se regressa porque nos sentimos lá bem, então os Liceus, a meu ver, não podem ser definidos senão desta forma. Graças ao grupo, e especialmente graças à minha professora, aprendi a olhar os meus medos como amigos, a descobri-los em vez de escondê-los, pois até os medos fazem nascer perguntas sobre a nossa humanidade e nos põem em movimento para nos descobrirmos a nós mesmos. Muitas vezes, em ocasiões especiais, como por exemplo o nosso aniversário, antes de apagar as velinhas dizem-nos: «Pede um desejo», mas assim que o pedimos já o esquecemos, pois o consideramos apenas um desejo; ao passo que o desejo é na verdade o motor primeiro para cada um de nós. Quando desejamos, tentamos encontrar um meio para saciar a nossa fome de vida, e isso leva-nos a abrimo-nos ao diálogo, à alteridade, à fecundidade da vida. Desejar é como apagar as velinhas, mas continuando a manter acesa a chama dentro de nós.*

Intervenção. *Há duas semanas, um facto grave abalou-me, a mim e a toda a minha turma: um colega de turma, meu amigo, ainda que não dos mais próximos, tirou a sua própria vida. As semanas passadas, principalmente os primeiros dias, foram cheios de dor, como se uma lança me tivesse atravessado a mim e a todos os meus amigos; uma coisa inimaginável, humanamente devastadora. Realmente, a dor faz-nos ser todos irmãos, radicalmente desarmados, impotentes e confusos. Todos colocados diante de um facto tão grave, houve porém uma grande união e verdade na relação com*

todos os meus colegas, amigos e professores, que eu nunca havia experimentado antes, embora desde sempre fosse desejável. É mesmo verdade que, quando somos colocados diante de alguma coisa grande e dolorosa, somos imediatamente despertados do nosso torpor quotidiano e somos chamados a ser leais com nós mesmos e com quem quer que tenhamos à nossa frente. Sobretudo, juntamente a esta grande dor, pude experimentar uma grande proximidade e, conseqüentemente, uma gratidão infinita pela companhia de amigos que me foi dada e pelo dom da fé, que me faz dizer com certeza que o meu colega e nós não acabaremos no nada, mas n'Ele. A companhia que me sustentou nestes dias passou através de muitas formas: mensagens, áudios, telefonemas, visitas e a preciosa oração, que peço também a todos vocês. Desejo verdadeiramente que toda a gente possa encontrar uma amizade assim, a única maneira de poder atravessar qualquer dor sem querer eliminá-la, que é precisamente a tentação que agora sinto mais viva, dado que já passou algum tempo e o impacto é, obviamente, muito menos forte. Há alguns dias, voltando a pensar em tudo o que aconteceu, apercebi-me de que este facto dramático me chama, e nos chama, a sermos conscientes de que a nossa humanidade é constituída por um grito insuprimível de felicidade que, se se tornar mendicância e não isolamento em nós mesmos (atitude que – reconheço – é preciso enfrentar todos os dias), pode tornar-se realmente aquela brecha pela qual entra o bem, a beleza, a luz e o amor. Para mim foi e é assim todos os dias. Fico espantado sobretudo com duas coisas. A primeira é que este acontecimento grave se introduziu em todo o caminho deste ano sobre o tema da dor, provocado por diversos factos que me levaram a descobrir imensas pessoas que testemunharam e testemunham hoje que é possível viver qualquer circunstância, até a dor. É mesmo verdade que nada nos poderá separar do amor de Cristo e que em todas estas coisas nós obtemos a mais completa vitória graças Àquele que nos amou, como dizia São Paulo. A segunda é que me dou conta de que aquilo que eu disse – isso é bem claro para mim – não é fruto de uma capacidade minha, mas de uma coisa que me é dada e que desejo que conquiste cada vez mais a minha vida, também e sobretudo dentro das minhas obtusidades e fragilidades. Por fim, desejo que a radicalidade na forma de estar diante das coisas suscitadas neste período por um facto tão mau – que ainda não percebo e que espero que não aconteça a mais ninguém – se torne cada vez mais presente na minha vida; desejo ser ajudado a viver esta mendicância de verdade e realidade todos os dias, e também que toda a gente, especialmente quem vive no desespero e no abismo da dor, possa experimentar este abraço de amor total.

Intervenção. *Queria contar duas coisas. A primeira tem a ver com a escola. Desde o início deste ano que me perguntava o motivo pelo qual, de entre todas as escolas, eu tinha escolhido precisamente aquela, o que é que havia lá que me levou a escolhê-la. Em quatro anos, não tinha encontrado o sentido, e este ano trabalhei muito sobre isso, partindo daquilo que um professor meu disse na reunião com os meus pais: «A vossa filha é boa, é atenta, é presente, poderia até ser considerada a melhor aluna da turma, mas precisa de se apaixonar, precisa de pôr algo de si nas coisas que enfrenta na escola». Pois bem, o que me faltava era precisamente a paixão que nos permite apreciar a fundo as coisas. Assim, pus-me em ação, um passo de cada vez. Não foi fácil, e não nego que às vezes me obrigava mesmo a estudar, exatamente como disse o Carrón no encontro dos finalistas: para nos apaixonarmos pelo estudo, a única coisa a fazer é estudar. E é assim, efetivamente só o podemos fazer dessa maneira. Eu tentei, e até encontrei alguma coisa: agora tenho gosto em fazer as coisas e até me dá satisfação perceber coisas em latim, ver por que escreviam de uma determinada maneira em grego; gosto muito de ler sobre história. A segunda coisa aconteceu recentemente. Já há algum tempo que oiço falar de um jovem doente com ELA (Esclerose Lateral Amiotrófica, nt.), no Tríduo também falaram dele. Uma amiga minha muito querida convidou-me para ir visitá-lo, e assim fui com um grupinho. Depois de ter esperado um bocadinho no terraço – que é maravilhoso! –, entramos e deparei-me com uma figura estática na cama, com olhos espantados. A primeira coisa que nos disse foi: «O que estão aqui a fazer? Por quê logo aqui?» É, o que estávamos ali a fazer? Falámos sobre isso, sobre o que nos tinha levado a ir visitá-lo. Depois houve um momento de silêncio, ele olhou-nos um por um nos olhos, com um olhar penetrante, daqueles que falam e olham para dentro*

de nós, espreitando para o mais profundo. Então perguntou-nos quem éramos e o que fazíamos. A maneira com que ele conversava conosco parecia, apesar de tudo, de uma normalidade incrível. Assim que saímos, fui para a varanda e a única coisa que consegui fazer foi desatar a chorar, eu tinha segurado as lágrimas, mas depois já não consegui mais. Fui atirada contra a parede, como aqueles Legos montados que, atirados contra a parede, mostram as peças que compõem o conjunto. Fui obrigada a dizer: «E agora, o que é que eu vou fazer? E agora que vi uma pessoa que pode viver assim, apesar de não poder fazer nada, o que é que eu vou fazer?», como se tivesse vivido até àquele momento como um vulcão adormecido, que está silencioso, não dá sinais de atividade, mas não está extinto. Colocou-me diante da forma como realmente devo enfrentar a realidade sem ficar bloqueada no meu fazer. Mas como é que faço? Eu acho tão difícil dizer, como dizia aquela pessoa: «Eu confio-me completamente, eu abandono-me completamente» Dizia que era um instrumento nas Suas mãos, e que por isso não era ele quem nos atraía, mas aquele Ele que através da sua pessoa se mostrava a mim. Mas eu, como é que faço? Como é que faço para ter a certeza de que depois não haverá contraindicações? Eu vejo as coisas que acontecem, vejo-as e admiro-me. Vejo aquela pessoa com ELA e é evidente que há algo por trás, mas depois, quando se trata de mim, tudo desaba, pois já não sei como me mover. O que é que tenho de fazer, agora que tudo isto me foi colocado à frente?

Carrón. Antes o Francesco dizia: «Darmo-nos conta de que crescemos». Nós podemos perceber se uma coisa que nos aconteceu na vida foi verdadeiramente útil se crescemos como consciência de nós mesmos. É como quando alguém estuda: em que é que se vê se aprendeu alguma coisa? Se quando faz o exame consegue dar as razões de um argumento; se, tendo estudado, o conhecimento não cresceu, fica igual ao que era antes. Vemos isto todos os dias: não basta estar na aula e aquecer a cadeira como se fôssemos uma pedra, e não basta atravessar passivamente a pandemia. É preciso termos consciência daquilo que aprendemos, com a escola e com a pandemia. Todos fazemos o teste do que aprendemos com as provocações da vida. Recentemente, pensei muito no facto de que, precisamente agora que começamos a voltar à chamada «normalidade», todos nós fazemos o teste de como vivemos os meses da pandemia.

Li por acaso um artigo de uma jornalista espanhola que vive no centro de Madrid e, da janela de sua casa vê explodir a vida, a *movida*; há meses que todos esperavam poder voltar, poder começar de novo a viver, poder encontrar os amigos para estarem juntos. Mas esta jornalista não reparou só nisso; podia ter ficado satisfeita e ter dito que finalmente voltámos à normalidade. Mas interrogou-se: de todos aqueles que andaram por Madrid toda a noite, «quantos foram para a cama felizes naquela madrugada»? (R. Montero, «Hoje, aqui, agora», *clonline.org*, 21 de junho de 2021). Com esta pergunta, cada um de nós deve fazer o próprio teste – de facto, já o está a fazer –, porque, ao recomeçarmos a viver aquilo que esperámos durante meses (o regresso à normalidade), vemos se crescemos, se esse «dar-se conta de que crescemos» aconteceu de alguma maneira na nossa vida.

Toda a gente foi desafiada em todos estes meses, como dissemos antes, e talvez todos tenhamos pensado: «Finalmente percebi! E quando voltar à normalidade poderei encarar a vida com mais consciência, sem perder tempo, apegado ao que é fundamental para viver e sabendo o que me tira o medo». É o que também escreve aquela jornalista, habituada à vida, falando de amigos a quem foi diagnosticado com cancro e «asseguram que a doença lhes abriu os olhos e que, se a superarem, já não irão perder o seu tempo preocupados com parvoíces, nem deixarão de apreciar os verdadeiros valores da vida». Fico impressionado, porque parece descrever uma situação que muitas vezes nós também vivemos: em alguns momentos, é como se o nosso olhar se escancarasse e finalmente víssemos a vida com clareza, em toda a sua dramaticidade, em todo o seu mistério, em toda a sua força de provocação; e pensamos que passou a ser nosso esse olhar aberto que pudemos experimentar nesse momento. Mas esta jornalista desafia-nos, escrevendo que aqueles amigos, uma vez curados, se esquecem daquilo que descobriram durante a doença e «voltam a cair [...] na mesma confusão sobre o que são e o que desejam» (Ibidem). Por quê? Porque o olhar deles se escancarou, sim, mas não se tornou seu, não foi conquistado ao ponto de permanecer no momento do regresso à normalidade.

Esta, na minha opinião, é a maior ajuda que devemos dar-nos para não perdermos não apenas aquilo que outros podem ter-nos dito, mas sobretudo aquilo que vimos com os nossos próprios olhos. A vida provocou-nos, escancarou o nosso olhar, e nós vimos as coisas com mais clareza, sem a obtusidade de sempre, sem aquela neblina que às vezes nos impede de ver distintamente, vimos com os nossos próprios olhos. Mas é como se depois de algum tempo a neblina voltasse a descer e nós retornássemos ao ponto de antes, sem termos aprendido nada. Por isso me impressiona sempre a frase de Eliot: «Onde está a Vida que perdemos vivendo?» (T.S. Eliot, “Coros de ‘A Rocha’”, Tenacitas, Coimbra 2014, p. 59). Perder a vida vivendo, isto é: em vez de crescermos para nos equiparmos cada vez mais para a vida, é como se muitas vezes, de tudo aquilo que vivemos – e que nos foi dado precisamente para crescermos, para aprendermos a viver, para compreendermos cada vez mais a nossa vida, para percebermos como podemos estudar melhor, como aproveitar o estudo, como estar diante das dificuldades – não sobrasse nada.

Parece-me que agora temos à nossa frente uma oportunidade espetacular: na pandemia, o desafio era saber como viver diante do vazio de que se falava antes, ou diante da solidão, ou diante da impossibilidade de ver os amigos e de poder partilhar com os colegas as horas de aulas. Mas agora o desafio não diminuiu, para aqueles da *movida* de Madrid e para todos nós, que temos de voltar à dita «normalidade» e que no primeiro fim de semana um pouco mais livre esbarramos com a tragédia do teleférico de Mottarone, com a ELA de um amigo ou com o suicídio de um colega de turma. É diante destas circunstâncias da vida que nós podemos perceber se fizemos a experiência de crescer, se crescemos. Não basta ter atravessado a pandemia, não basta ter estado na aula para ter aprendido alguma coisa; não basta fazer determinados gestos para que fique alguma coisa que enriqueça a vida e permita não recomeçarmos sempre do zero, como se não tivéssemos aprendido nada. Para a vida ser vida, ou seja, uma aventura, é preciso equiparmo-nos: isto é fundamental para aproveitarmos o estudo e os relacionamentos, para percebermos qual é a importância dos amigos, para descobrirmos as respostas às perguntas mais urgentes que temos, para enfrentarmos todos os desafios que temos à nossa frente.

Por isso, agora temos todos uma tarefa. E qual é a tarefa, rapaziada? A vossa, a minha, tal como a da jornalista espanhola, como a dos jovens da *movida* de Madrid, qual é? Fazer a verificação do que aprendemos no confinamento, na pandemia. Se aprendemos alguma coisa, ou se já a esquecemos; até o apercebermo-nos de que esquecemos alguma coisa é já parte dessa verificação, porque assim podemos agarrá-la de novo, podemos ser amigos a ponto de não deixarmos para trás o que intuímos, o olhar novo que identificámos como desejável para viver. Há uma aventura fascinante que nos espera: fazer a verificação do nosso crescimento. Seria uma grande pena se todas as dificuldades destes meses se perdessem no nada, se não crescêssemos por não termos captado o significado de tudo aquilo que vivemos.

Por isso, ajudarem-se e ajudarmo-nos mutuamente agora, partilhando a autoconsciência nova que alcançámos e a consciência de termos crescido parece-me o maior gesto de amizade que podemos fazer uns aos outros, a fim de que o que vivemos não acabe no esquecimento. Nós tivemos a sorte de encontrar um grande amigo – *don* Giussani – que viveu com uma consciência tal que não o deixava perder as coisas que lhe aconteciam, e por isso ele ajuda-nos a viver. Do que é que nos lembramos? O que é que enriqueceu a nossa vida para sempre? Cada um vê isso quando, diante de algumas situações novas, se lembra de factos que estavam ali depositados, na gaveta da sua memória, e enfrenta as circunstâncias precisamente à luz desses factos. Portanto, de que é que nos lembramos? Não nos lembramos de tudo, são tantas as coisas que esquecemos! Só nos lembramos das coisas que ajuizámos, pois ajuizando-as, damos-nos verdadeiramente conta de que crescemos.

Todos nós vivemos estes meses, todos, uns mais outros menos (depende da seriedade com que vivemos), aprendemos alguma coisa, vimos alguma coisa, e de alguma maneira o nosso olhar se escancarou; mas que nos tenham acontecido coisas, grandes ou pequenas – como vocês disseram –, não foi isso que nos fez crescer, pois também a um cão acontecem coisas, mas ele não é capaz de as ajuizar. Nós também podemos viver como cães, sem a consciência de sermos homens e mulheres, sem nos darmos conta das coisas. E não é por maldade, mas por uma falta de seriedade para com nós

mesmos. Fazendo isso, desperdiçamos a ocasião para crescer. Por isso, parece-me que no fim do ano letivo, tendo mais tempo livre e menos stress, e podendo então relaxar, podemos dar-nos esta tarefa para o verão: quando estivermos na praia, na montanha, passeando ou numas férias, e nos vier algum pensamento sobre o que aprendemos, tomemos nota: será como encher o arquivo da memória com uma riqueza experimentada. Olhem, por exemplo, para a frase de *don* Giussani citada pelo padre Andrea no Tríduo e repetida pelo Francesco anteriormente: «A solução dos problemas que a vida nos coloca todos os dias “não vem diretamente de enfrentar os problemas, mas de aprofundar a natureza do sujeito que os enfrenta”». Giussani podia dizer estas coisas porque, vivendo assim, a certa altura aprendia. E nós podemos aproveitar o que ele aprendeu, podemos enfrentar as circunstâncias com a riqueza acumulada de alguém que se dava conta das coisas. Da mesma forma, vocês também podem ajudar-se uns aos outros: quando se apaixonarem poderão ajudar o namorado ou a namorada a perceber o que é viver, e no futuro poderão tornar-se pais ou mães sem terem de começar tudo do zero; só poderão oferecer aos vossos filhos o sentido da vida se não desperdiçarem o tempo agora, ou seja, se tudo o que acontece na vida vos fizer crescer. Caso contrário, regressaremos à dita «normalidade», vivendo como antes, tendo perdido a ocasião.

Barberis. Acho que ninguém quer perder a vida vivendo, ninguém gostaria de perder o que viu (como tu dizias antes) com os próprios olhos, não gostaria de entrar de novo na neblina que obscurece as coisas. Eu penso muito nisto, e não só para os jovens, também para mim, para minha família, para os adultos que conheço. Ninguém gostaria de perder a vida, mas acontece.

Carrón. Claro.

Barberis. E por que razão isto não te acontece? Tu acabaste de usar o verbo «ajuizar», para conservar aquilo que aconteceu. Eu dizia logo no início que esta é uma das coisas que mais me impressiona, que mais me ajuda a viver o meu dia a dia. Pergunto-te se poderias gastar mais algumas palavras sobre isto, porque me parece ser um ponto crucial, mas também o mais pressuposto e que mais facilmente perdemos.

Carrón. Esta foi uma das coisas que mais me fascinou quando conheci *don* Giussani, uma graça que me me aconteceu experimentar precisamente através dele. Fiquei fascinado porque, antes de o conhecer, também me acontecia o que vos acontece a vocês: eu tinha a minha humanidade, tal como vocês têm a vossa, tinha as minhas tristezas, tal como vocês têm as vossas, tinha as minhas perguntas, tal como vocês têm as vossas, e aconteciam-me coisas, tal como vos acontecem também a vocês, mas não me tinha dado conta de que tinha nas mãos uma ferramenta; só me dei conta disso através do encontro com *don* Giussani: eu tinha a capacidade de ajuizar. Fazer experiência não é apenas experimentar alguma coisa, não basta acontecer alguma coisa na vida para que possamos falar de experiência; de facto, podemos experimentar muitas coisas, mas de quantas aprendemos, quantas nos fazem crescer? Esta descoberta revolucionou a minha vida, e por isso dizia sempre a *don* Giussani: «Vou agradecer-te toda a vida, porque desde que te conheci, tu permitiste-me fazer um caminho humano com consciência»; eu era um entusiasta disso! Quando uma pessoa quer caminhar, estudar ou fazer investigação em laboratório, a questão é aprender o método. Não basta ter momentos de genialidade, é preciso aprender um método através do qual tudo o que acontece na vida – quer seja bom ou mau, não importa – me faça aprender alguma coisa. Porque, como diz uma amiga minha: «Uma experiência é sempre uma experiência»; mesmo quando a experiência não corre de acordo com as tuas previsões, ainda assim aprendes alguma coisa. Quando vais comprar uns sapatos, tu experimentas e podes dizer: «Não, este não é meu número». Cresces sempre, não só quando encontras a resposta exata, mas também quando erras. Imaginem poder viver com esta tensão para que nada do que acontece na vida se perca; mas, se não for ajuizado, perde-se. Por isso eu era um entusiasta, e desde que conheci *don* Giussani não desejava mais nada senão que este método, que ele descreve no primeiro capítulo de *O sentido religioso* – não no volume 38 mil, não, no primeiro capítulo de *O sentido religioso!* –, se tornasse meu. E ao longo do tempo fui ficando cada vez mais entusiasmado. Se eu pude fazer isto, vocês também podem, se quiserem: aprender um método que lhes permita aprender com tudo. Não é que uma pessoa tenha de ser perfeita, e que às vezes não possa errar ou

baralhar-se, porque é sempre possível aprender, qualquer que seja a situação em que se encontrem. Por isso faço tanta questão de vos dizer: não estou aqui para resolver algum problema específico que possam ter, mas para vos indicar um método útil em qualquer situação em que se encontrem, para aprenderem com qualquer eventualidade: pandemia, vazio, tristeza, melancolia, mal, erros, tudo, tudo tudo! Então não devemos censurar nada, que é como dizer que não queremos desperdiçar nada. Está claro?

Intervenção. *Estes últimos dias de escola têm-se revelado um bocadinho difíceis. Dou por mim cansada e triste, porque às vezes parece-me que o primeiro impacto com a realidade produz sempre uma ferida em relação à expectativa e ao desejo grande que tenho. Há dias em que vem verdadeiramente ao de cima todo o peso da contradição e da minha impotência, e o facto de me ver abatida é motivo de escândalo. Queria estar sempre verdadeiramente presente, queria que as coisas fossem claras e simples, e queria viver a cada momento aquela plenitude verdadeira e aquela obediência que reconheci. No meio disto tudo, a coisa mais absurda que eu vejo é que, se este meu estar inquieta é motivo de escândalo para mim, não o é para meus amigos, que me obrigam a olhar para tudo o que jorra de mim sem deixar nada de fora, e que amam o meu coração como eu própria não o amo, conservando como se fosse uma preciosidade aquilo que eu trago. Lembro-me de dois episódios desta semana – mas poderia citar outros tantos – nos quais me dei mesmo conta de que sou olhada e amada porque existo, e por nada mais. O primeiro foi uma conversa que tive com dois amigos na quinta-feira à tarde. Foi curta, mas de uma verdade profunda, pois era claro que a grandeza está realmente no caminho, no reconquistar sempre as coisas maiores e mais verdadeiras e no reconhecermo-nos constantemente necessitados. Porém, mais do que tudo isto, o mais bonito não foi o que dissemos, ainda que isso me faça companhia, mas o facto de que estes amigos estão ali para mim, que eu possa perguntar-lhes quando não percebo e que sejam meus companheiros de um modo que não pode senão gerar gratidão e que me chama a viver e a estar nas coisas que me são pedidas. O segundo episódio foi no sábado à tarde. Tivemos o ensaio do coro, ao qual eu não ia há já duas semanas por causa da quarentena, e foi bonito porque me vi abraçada de um modo tão grande por aqueles amigos, que bastava o facto de eu estar ali. Vejo que este bem que recebo, que ali se tornou evidente, me liberta, porque posso simplesmente seguir e pôr-me em caminho mesmo com todas as dificuldades e objeções; parece que nos momentos em que estou mais abatida ou não percebo há uma ternura e um cuidado para comigo, porque me são apresentados sinais inequívocos de uma amizade que me cobre com a sua superabundância. Como me disse um amigo querido: o método torna-se a companhia, não sou eu quem me impõe seguir ou estar presente, coisa que às vezes eu faço, porque no fundo quero fazer sozinha, mas trata-se mesmo de ser guiada e acompanhada a cada passo. São amigos que com a sua presença me indicam um caminho: «Segue-me, que eu guio-te», como disse Jesus aos discípulos. Vivo tendo na cabeça o rosto dos meus amigos mais queridos, e para mim dar-me conta disto é a coisa mais importante: redescobrir sempre que não estou sozinha, que há uma companhia que nunca desaparece, que sou objeto de um amor que não me pede nada em troca, mas espera apenas que eu ceda diante da correspondência grande que sinto. Estou a redescobrir uma dimensão de comunhão e filiação pela qual sou totalmente abraçada, e em virtude desse bem que recebo descubro-me tranquila, em última instância, como se houvesse uma confiança última. Diante do estudo que nos espera, da formatura, da escolha da faculdade, dos grandes esforços exigidos de alguns amigos, só posso não ter medo porque sou constantemente levada pela mão, porque dependo deste amor e nisto posso pedir tudo.*

Carrón. Vês? Naquilo que dizes demonstras que já estás a fazer esse caminho: por um lado, o primeiro impacto com a realidade muitas vezes provoca-te uma ferida, tu vês uma contradição, sentes toda a tua impotência – bem-vinda ao clube dos seres humanos! –, e a inquietude que sentes escandaliza-te: «É um escândalo para mim», dizias. É como se não soubesses que lugar ocupa na vida, que papel tem toda esta voragem que temos dentro de nós. E como não o percebemos, achamos que a melhor solução é arrancá-la. Mas como não podemos eliminá-la e ela nos baralha, então ficamos escandalizados. Mas a certa altura surge uma novidade: encontras amigos que olham para esta tua

humanidade sem se escandalizarem, e isso permite-te olhar para ti mesma sem escândalo. Foi o que aconteceu comigo: eu via a audácia com que Giussani olhava ou falava daquilo que me escandalizava, e isso permitia-me olhar para as coisas que eu não conseguia olhar, como tu. Impressionou-me o fantástico testemunho que *don* Giussani deu na Praça de São Pedro, diante do Papa e da Igreja, em 1998 (está publicado no início de *Gerar rasto na história do mundo*). Começou o seu discurso falando do olhar que se cruzou com a sua vida, o olhar de Jesus: «Nenhuma mulher alguma vez ouviu outra voz falar do seu filho com semelhante ternura original e indiscutível valorização do fruto do seu seio, com tal afirmação totalmente positiva do seu destino; só a voz do hebreu Jesus de Nazaré». Este olhar não é de escândalo, mas é um olhar cheio de ternura, de valorização do fruto do seio de uma mulher, é afirmação do destino que Jesus introduziu na história. «Mas, mais ainda, nenhum homem se pode sentir definido a si próprio com esta dignidade de valor absoluto, independentemente das suas capacidades», a não ser quando é olhado por Cristo. «Jamais alguém no mundo pôde falar assim! Só Cristo se interessa totalmente pela minha humanidade.»

Por isso, os amigos que encontras, que podem olhar-te sem escândalo, que podem olhar para a tua humanidade assim, abraçá-la assim – como eu me sentia olhado e abraçado por Giussani –, são o sinal de Cristo que chega até ti através deles. O olhar d’Ele começa a tornar-se deles, olham para ti como foram olhados; e através deles tu poderás aprender a olhar para ti mesma de uma maneira diferente. Em vez de continuar a escandalizar-se, tu encontras neles a possibilidade de reconquistar as coisas maiores e mais verdadeiras, como tu disseste, pois comesas a vê-las não como uma coisa a deitar fora por não perceberes para que servem; olhas para elas com toda a certeza com que Jesus olhava para a samaritana que tinha a mesma sede que tu tens quando acordas, com que Jesus olhava para a pecadora que tinha errado, para Zaqueu ou para Pedro. O olhar d’Ele permitia que cada um deles não se escandalizasse com o que na vida deles não estava certo – Jesus veio justamente para aqueles que não estão bem, não veio para os saudáveis, mas para os doentes; não para os justos, mas para os pecadores –. É um olhar que abraça todo o nosso humano. Foi Ele que traçou o caminho, e através dos amigos chegou até nós, pois não podíamos nem sonhar com esse olhar, se não tivesse chegado até nós através duma corrente de testemunhas, até chegar a alguém que olhou para ti, que te escandalizavas com a tua própria humanidade. Jesus permanece hoje, e tu podes reconhecê-Lo como a samaritana O reconheceu: porque sentes sobre ti um olhar como o que ela sentiu sobre si. Se aqueles amigos não tivessem encontrado Jesus, nunca te teriam olhado assim – nunca mesmo! –, e tu não olharias para ti mesma assim, a não ser depois de teres encontrado alguém que te olhou assim. Não é? Sobre isto não nos podemos baralhar, não podemos achar que a partida já está ganha entre nós: não podemos olhar assim a não ser quando esse olhar começa a tornar-se nosso. Ele criou uma companhia onde este olhar se torna cada vez mais nosso e cada vez mais quotidiano: mesmo quando o nosso humor varia, quando não há *feeling*, quando ficamos obscurecidos e a neblina nos cobre, há sempre alguém que nos olha duma maneira diferente, e isso permite-nos continuar a caminhar. Por isso, como diz o teu amigo, o método é a companhia, mas não uma companhia qualquer; só é método aquela companhia que te olha assim, e tu reconhece-la porque consegue escancarar de novo o olhar, consegue sair do escândalo e da medida com que tu olhas para ti mesma, e recomeças a caminhar. Então percebes que nunca estás sozinha, e não apenas porque tens alguém por perto, mas porque todos nós, uns pobres coitados como somos, olhando-nos assim mutuamente, te damos testemunho do Olhar que Alguém que se chama Jesus introduziu na história até chegar a nós. Não há outra forma para olhar bem para a realidade, para nós mesmos e para o destino (inclusive o do amigo que se suicidou ou que está doente): olhar para tudo com o olhar com que fomos olhados.

Esta é a aventura mais fascinante da vida. Caso contrário, perdemos a vida, e não porque esta não tenha um sentido, mas porque, apesar de existir um sentido e de nós o termos encontrado, apesar de ter revestido a nossa vida, nós muitas vezes ficamos bloqueados. Mas todo este nosso “bloqueio” e todos os nossos erros não podem impedir-nos de reconhecer a verdade, quando a vemos acontecer de forma luminosa. É uma pena que tantas vezes vivamos como zombies, distraídos em relação ao que é a vida! Os amigos, os amigos verdadeiros, aqueles com quem iríamos até o fim do mundo e com quem enfrentaríamos qualquer situação, são os que nos ajudam sempre e de novo a vermos da maneira

certa, não porque nos poupam à relação com a nossa humanidade, mas precisamente porque diante do meu caos, do meu escândalo e da minha impotência me olham com aquele olhar que nunca poderá, mas nunca mesmo, ser arrancado da história: «Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos» (Mt 28,20). Nós somos uns sortudos porque Ele nos alcançou; e se tu, amiga, te deixares olhar assim, poderás olhar assim para os teus colegas, não devido a um bom desempenho, não devido a uma conquista, mas porque esse olhar já se tornou teu.

É assim que podemos ser testemunhas de algo que está em nós, mas cuja origem não está em nós, porque é um dom gratuito que nos foi concedido. Como não nos espantarmos – em vez de nos escandalizarmos – todas as manhãs com esta sorte? Se tu acordasses todas as manhãs consciente da graça que recebeste, como tudo mudaria! Em primeiro lugar, mudaria o sentimento sobre ti mesma antes de enfrentar o dia, independentemente do que tenhas para fazer, porque foste investida por esse olhar! Como será que a samaritana acordou depois de se ter cruzado com aquele olhar? Como será que Zaqueu acordou depois de ter sido olhado por Jesus? Como será que Pedro acordou, ele que O traíra, depois de Jesus lhe perguntar se O amava? É para esta vida que somos convidados, independentemente da nossa fragilidade e da nossa fraqueza, independentemente dos nossos erros.

É essa aventura que nós não queremos perder, depois de, por graça, nos termos cruzamos com ela ao longo da vida.

Barberis. Agradeço a todos por este dia. Um obrigado infinito ao Julián, ao Andrea e aos amigos aqui presentes. Vemo-nos em breve. Bom verão para todos!

Carrón. Adeus. Bom verão!